

II. Machado lúdico: os percursos da ironia

2. O alienista e o riso de Demócrito

Sonia Netto Salomão

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

SALOMÃO, S.N. O alienista e o riso de Demócrito. In: *Machado de Assis e o cânone ocidental: itinerários de leitura* [online]. 2nd ed. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2019, pp. 167-182. ISBN: 978-65-990364-8-4. <https://doi.org/10.7476/9786599036484.0007>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

O alienista e o riso de Demócrito

J'ayme mieux la premiere humeur, non par ce qu'il est plus plaisant de rire que de pleurer: mais par ce qu'elle est plus desdaigneuse, et qu'elle nous condamne plus que l'autre: et il me semble que nous ne pouvons jamais estre assez mesprisez selon nostre merite.

M. Montaigne, *Essais*, I, 50.¹

A disputa clássica que coloca Demócrito em oposição a Heráclito é um *topos* filosófico retomado em vários momentos do percurso histórico humanista.² Em âmbito luso-brasileiro, vamos encontrá-lo na célebre disputa barroca de Antônio Vieira contra outro jesuíta – este, genovês –, padre Catâneo, sob o patrocínio da rainha da Suécia, no período da estada de Vieira em Roma. Nesse delicado momento de sua vida, o grande orador desejava obter a revisão do seu processo de Inquisição junto ao papa. Vieira é mais uma vez aclamado nesse refinado ambiente, misto de academia e corte, onde eruditos, nobres e altos dignatários da Igreja se agregavam em torno daquela rainha culta e cortejada pela sua heroica conversão ao

¹ Disponível em: <<http://www.bribes.org/trismegiste/es1ch50.htm>>. Acesso em: 26 jun. 2015.

² Cf. JUVENAL. *Satire*. In *Introduzione a Giovenale*. Organização B.U.R. Milão, 1975.

catolicismo. Era o ano de 1674, e a Academia de Cristina da Suécia reunia-se no palácio Riario, o mesmo que hoje abriga a sede da Accademia dei Lincei. A disputa devia decidir se o mundo era mais digno de lágrimas ou de riso. Cabe a Vieira a defesa das lágrimas de Heráclito, em italiano.³ O emérito orador, no entanto, distancia-se da sua cultura católica para apoiar-se, justamente, na tradição clássica. Manejando bem a retórica dialética, Vieira desenvolve o seu discurso no sentido de provar que o mundo não só era mais digno de lágrimas, mas que também Demócrito não ria desses males, como poderia parecer. O seu argumento mais forte era o de que, quando a dor é excessiva, as lágrimas cessam. Naturalmente, estava em jogo na contenda a habilidade da prova. Vieira teria sido igualmente competente se tivesse tocado a ele a defesa do riso. No entanto, é interessante esse dado da estratégia vieiriana porque os humanistas, em geral, posicionaram-se do lado de Demócrito. A razão parece estar na epígrafe de Montaigne, colocada acima. Montaigne, justamente, que Machado apreciava muito. Teria Machado conhecido as famosas cartas do Pseudo-Hipócrates, que constroem um importante apólogo sobre o filósofo do riso, Demócrito? De qualquer modo, o apólogo Hipócrates-Demócrito está presente no *Tristram Shandy*, de Laurence, numa fábula de La Fontaine e em Diderot, textos e autores muito bem conhecidos e estudados por Machado.⁴

Do riso e da loucura, como foi traduzido em português, é um pequeno conjunto de textos escritos como se fossem epístolas, sendo que uma dirigida a Hipócrates e outras sete por ele enviadas. A relação entre Hipócrates e Demócrito concentra-se nas epístolas 10-17,⁵ que

³ A reconstrução do texto e do contexto vieiriano em Roma está em S. Netto Salomão, *Antônio Vieira, As lágrimas de Heráclito*, texto original italiano do padre A. Vieira, com tradução portuguesa de época. Fixação dos textos, introdução de notas de S. N. Salomão, São Paulo: Ed. 34, 2001.

⁴ Cf. S. P. Rouanet, *O riso e a melancolia; a forma shandiana em Sterne, Diderot, Xavier de Maistre, Almeida Garrett e Machado de Assis*, cit.

⁵ Pseudo-Hipócrates. *Do riso e da loucura*. Lisboa: Padrões Culturais Editora, 2009. Texto traduzido do francês: Hippocrate, *Oeuvres complètes*, v. IX [1861], por É. Littré. Paris: J-B. Ballière, 1839-61, pp. 321-99.

influenciaram Erasmo e os já citados Sterne, La Fontaine e Diderot, entre muitos outros.⁶ Tomamos conhecimento, na décima carta, que os concidadãos de Demócrito, da cidade de Abdera, estavam alarmados porque o sábio filósofo se apartara da cidade, passando a viver sozinho. A carta parte, justamente, do pretexto de uma suposta doença de Demócrito, cujos sinais seriam misantropia, alienação, apatia e sarcasmo, basicamente ligados à melancolia. Os abderitas chamam o médico Hipócrates, pois Demócrito parecia esquecido de tudo, até de si mesmo, num estado de apatia que o levava a rir de tudo, julgando que a vida nada valia. Entre as bizarrices notadas, contava-se que o filósofo cantava suavemente à noite, nos longos períodos de insônia. Estaria louco o filósofo? perguntavam-se. A diagnose dos abderitas desenha-se num silogismo aristotélico: quem ri sempre é louco; Demócrito ri sempre; logo, Demócrito é louco.

O Senado de Abdera solicita, como vimos, o auxílio de Hipócrates, temendo que Demócrito, ao enlouquecer por conta da sua grande sabedoria, espalhasse a sua demência por toda a cidade. Sempre de acordo com o apólogo, o médico vai até Demócrito, levando o heléboro negro, remédio usado em casos de melancolia. Encontra o filósofo entre animais esartejados,⁷ pois ele também procurava compreender a origem da loucura e da melancolia que, entre os antigos, julgava-se ser proveniente da bile negra. Hipócrates, todavia, não se convence da doença do filósofo, que dá respostas muito lúcidas às suas perguntas, embora não menospreze nem os sinais nem, tampouco, as razões que poderiam ter justificado tal estado. Na carta 17, a Mageta, o médico rejeita a ideia da sabedoria como loucura e busca estabelecer a diferença entre ambas, atento à possibilidade de a enfer-

⁶ Cf. J. Starobinski, *L'Encre de la Melancolie*, cit., p. 166.

⁷ Não há como não lembrar, aqui, do conto machadiano "A causa secreta". O conto foi publicado, originalmente, em 1885, na *Gazeta de Notícias* e reunido, em 1896, na coletânea *Várias histórias*. Considerado como um dos contos machadianos mais sombrios, caracterizando o extremo do mal na natureza e na sociedade, ganha nova luz se lido na perspectiva que estamos desenvolvendo neste capítulo.

midade de Demócrito ser uma ilusão dos abderitas. No final das cartas, associa a figura de Demócrito a uma sabedoria saudável e silente, afirmando ainda mais: que o povo é que poderia ser potencialmente louco, na verdade. A hipótese é importantíssima porque Hipócrates desconfia que “o mundo inteiro esteja doente sem o saber”; se for assim, serão os abderitas que, sendo incapazes de identificar o fenômeno que os acomete, tomam o sábio por louco; “condenam aquele que lhes seria de maior proveito”. Mas, quem é o árbitro nesta questão? Quem decide quem é louco e quem não o é?

Starobinski, ao fazer um interessante e erudito comentário ao célebre livro de Robert Burton (1577-1640), *Anatomy of Melancholy* (1621),⁸ leva em consideração o *corpus* pseudo-hipocrático nesse volume. Lembra o filósofo francês – que é médico e exerceu a profissão – que as cartas *Do riso e da loucura*, textos de autor anônimo, provavelmente do século I, são uma das fontes do riso renascentista. Um riso que não é popular, sublinha o estudioso genebrino. Muito pelo contrário; é um riso erudito, que permitirá a Demócrito se defender da lenda que o envolve e passar ao contra-ataque, questionando, inclusive, a ação prática do médico: ela faria parte das fúteis atividades humanas, que não se podem comparar com a atividade do filósofo que contempla a verdade. O riso corrosivo, dessacralizante e agressivo de Demócrito, nessa perspectiva, colocaria no mesmo nível tanto o preconceito popular contra os intelectuais, considerados como “estranhos” e “diversos”, quanto a prepotência de ricos e poderosos que geralmente não aceitam bem o senso crítico e contestador dos mesmos.

Voltando à conclusão do apólogo, Demócrito está ciente da necessidade de adquirir com propriedade um método que lhe permita viver na medida das suas possibilidades existenciais. Mas a “verdade exata, ninguém a conhece, ninguém a testemunha”. Com estas palavras, o filósofo deixa aberto o caminho da busca, porque ninguém

⁸ Cf. J. Starobinski, “Démocrite parle: l’utopie mélancolique de Robert Burton”, in *Le Débat*, (29) mars 1984, pp. 49-72.

tem a posse definitiva da verdade. Hipócrates, por sua vez, agradece a Demócrito a descoberta de uma nova terapia: a eficácia do riso para os males do mundo. Resta, ainda, uma observação a fazer quanto ao gênero: trata-se de uma narrativa ágil, dialógica e, como se depreende, com um condensado cultural muito importante.

Fiz um relato pormenorizado do apólogo porque é fácil compreender as semelhanças com *O alienista* de Machado. O conto sai em 1882, na coletânea *Papéis avulsos*, mas havia sido publicado previamente em *A Estação*, de 15 de outubro de 1881 a 15 de março de 1882, o mesmo período das *Memórias póstumas*. Nessa versão jornalística, por sinal, há maior veemência por parte do narrador, quanto à figura do médico Simão Bacamarte, como veremos a seguir. O conto faz parte, portanto, da fase “greco-latina” da pesquisa machadiana, como já discutido em I, 1.1. A associação de Simão Bacamarte com Hipócrates está na própria novela brasileira, no capítulo V, no qual D. Benedita, mulher do alienista, assim é definida:

Ela era a esposa do novo Hipócrates, a musa da ciência, anjo, divina, aurora, caridade, vida, consolação; trazia nos olhos duas estrelas segundo a versão modesta de Crispim Soares e dous sóis, no conceito de um vereador. (OC, II: 267).

O dado interessante em relação a *O alienista* é que Machado não só se apropria do apólogo clássico, como exercita o seu humor numa perspectiva de fina análise psicológica e de adaptação histórico-cultural. Em primeiro lugar, mantém intacta a essência do apólogo, nos seguintes pontos principais: haveria uma relação entre saber e loucura? O intelectual por primazia é necessariamente um melancólico? Quem define os limites entre sandice e sanidade? Que poder tem o Estado, a política (o Senado de Abdera, no apólogo, e a vereança de Itaguaí, na novela) em relação a esses problemas? Em segundo lugar, reescreve o apólogo no recorte de um quadro médico que era o do seu século e do Rio de Janeiro em particular,

mantendo, também aqui, a fidelidade ao *corpus Do riso e da loucura*. Vejamos este comentário de Juliano Moreira, em 1905:

Através de todo o período colonial, os alienados, os idiotas, os imbecis foram tratados de acordo com as suas posses. Os abastados, se relativamente tranquilos, eram tratados em domicílio e às vezes enviados à Europa, quando as condições físicas do doente o permitiam, e aos parentes por si mesmos ou por conselho médico se afigurava eficaz a viagem. Se agitados, punham-nos em algum cômodo separado, soltos ou amarrados, conforme a intensidade da agitação. Os mentecaptos pobres, tranquilos, vagueavam pelas cidades, aldeias ou pelos campos, entregues às chufas da garotada, mal nutridos pela caridade pública. Os agitados eram recolhidos às cadeias, onde barbaramente amarrados e piormente alimentados muitos faleceram mais ou menos rapidamente. A terapêutica de então era a de sangrias e sedenhos, quando não de exorcismos católicos ou fetichistas. Escusado é dizer que os curandeiros e ervanários tinham também suas beberagens mais ou menos desagradáveis com que prometiam sarar os enfermos.⁹

Em *O alienista*, vamos encontrar este trecho, que poderia ter sido escrito por Juliano Moreira, só que é de Machado e escrito 23 anos antes:

A vereança de Itaguaí, entre outros pecados de que é arguida pelos cronistas, tinha o de não fazer caso dos dementes. Assim é que cada louco furioso era trancado em uma alcova, na própria casa, e, não curado, mas descurado, até que a morte o vinha defraudar do benefício da vida; os mansos andavam à solta pela rua. (OC, II: 254).

⁹ J. Moreira, “Notícia sobre a evolução da assistência a alienados no Brasil”, in *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Ciências Afins*, Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, v. I, n. 1, pp. 52-98, 1905, p. 54. Disponível em: <<http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/u1889/000888.html>>. Acesso em: 6 fev. 2015.

O humor machadiano entra no comentário ao trecho:

Simão Bacamarte entendeu desde logo reformar tão ruim costume; pediu licença à Câmara para agasalhar e tratar no edifício que ia construir todos os loucos de Itaguaí, e das demais vilas e cidades, mediante um estipêndio, que a Câmara lhe daria quando a família do enfermo o não pudesse fazer. A proposta excitou a curiosidade de toda a vila, e encontrou grande resistência, tão certo é que dificilmente se desarraigam hábitos absurdos, ou ainda maus. A ideia de meter os loucos na mesma casa, vivendo em comum, pareceu em si mesma um sintoma de demência, e não faltou quem o insinuasse à própria mulher do médico.

– Olhe, D. Evarista – disse-lhe o Padre Lopes, vigário do lugar, – veja se seu marido dá um passeio ao Rio de Janeiro. Isso de estudar sempre, sempre, não é bom, vira o juízo. (OC, II: 255).

Portanto, o padre Lopes, como os concidadãos de Demócrito de Abdera, que tinham o filósofo em grande conta, faz logo uma analogia entre os estudos em excesso e a loucura. Por intermédio de D. Evarista, aconselha o Dr. Simão Bacamarte – “filho da nobreza da terra e o maior dos médicos do Brasil, de Portugal e das Espanhas, tendo estudado em Coimbra e Pádua” – a “dar um passeio no Rio de Janeiro”. Segundo o adágio popular, também insinuado pelo narrador, tão louco Bacamarte não seria, porque, como nota *en passant*, ele não rasga dinheiro.

O tema da melancolia, caro a Machado em vários momentos da sua obra, também está presente, embora se identifique apenas após uma leitura muito atenta. Examinemos o trecho abaixo:

D. Evarista mentiu às esperanças do Dr. Bacamarte, não lhe deu filhos robustos nem mofinos. A índole natural da ciência é a longanimidade; o nosso médico esperou três anos, depois quatro, depois cinco. Ao cabo desse tempo fez um estudo pro-

fundo da matéria, releu todos os escritores árabes e outros, que trouxera para Itaguaí, enviou consultas às universidades italianas e alemãs, e acabou por aconselhar à mulher um regime alimentício especial. A ilustre dama, nutrida exclusivamente com a bela carne de porco de Itaguaí, não atendeu às admoestações do esposo; e à sua resistência – explicável, mas inqualificável – devemos a total extinção da dinastia dos Bacamartes.

Mas a ciência tem o infável dom de curar todas as mágoas; o nosso médico mergulhou inteiramente no estudo e na prática da medicina. Foi então que um dos recantos desta lhe chamou especialmente a atenção – o recanto psíquico, o exame de patologia cerebral. Não havia na colônia, e ainda no reino, uma só autoridade em semelhante matéria, mal explorada, ou quase inexplorada. Simão Bacamarte compreendeu que a ciência lusitana, e particularmente a brasileira, podia cobrir-se de “louros imarcescíveis” – expressão usada por ele mesmo, mas em um arroubo de intimidade doméstica; exteriormente era modesto, segundo convém aos sabedores.

– A saúde da alma – bradou ele – é a ocupação mais digna do médico. (OC, I: 254).

Portanto, Bacamarte dedica-se ao estudo, como uma forma de curar uma terrível mágoa: a de não ter tido filhos que prosseguissem a sua dinastia.¹⁰ Em parágrafo anterior, o narrador não deixa de observar que parecera muito estranho a todos que tão ilustre luminar se tivesse casado com uma senhora sem dotes particulares: uma “senhora de vinte e cinco anos, viúva de um juiz de fora, e não bonita nem simpática”. A razão foi dada pelo sagaz médico: “D. Evarista reunia condições fisiológicas e anatômicas de primeira ordem, digeriria com facilidade, dormia regularmente,

¹⁰ Cf. A. C. G. Moreira e M. T. Berlinck, “Mania de saber: ironia e melancolia em *O alienista* de Machado de Assis”, in *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental* (VI), n. 2, jun. 2003, pp. 99-113.

tinha bom pulso, e excelente vista; estava assim apta para dar-lhe filhos robustos, sãos e inteligentes”.¹¹ (OC, II: 253-254).

Outro elemento do *corpus* hipocrático mantido em *O alienista* é a conjectura de que a sociedade, como um todo, é alienada. Vejamos esta observação de Simão Bacamarte: “A loucura, objeto dos meus estudos, era até agora uma ilha perdida no oceano da razão; começo a suspeitar que é um continente”. (OC, II: 260). O alienista dá conta da afirmação, no capítulo XI da novela, com um relatório em que especifica:

De fato o alienista oficiara à Câmara expondo: – 1º, que verificara das estatísticas da vila e da Casa Verde que quatro quintos da população estavam aposentados naquele estabelecimento; 2º, que esta deslocação de população levara-o a examinar os fundamentos da sua teoria das moléstias cerebrais, teoria que excluía do domínio da razão todos os casos em que o equilíbrio das faculdades não fosse perfeito e absoluto; 3º, que desse exame e do fato estatístico resultara para ele a convicção de que a verdadeira doutrina não era aquela, mas a oposta, e portanto, que se devia admitir como normal e exemplar o desequilíbrio das faculdades e como hipóteses patológicas todos os casos em que aquele equilíbrio fosse ininterrupto; 4º, que à vista disso declarava à Câmara que ia dar liberdade aos reclusos da Casa Verde e agasalhar nela as pessoas que se achassem nas condições agora expostas; 5º, que, tratando de descobrir a verdade científica, não se pouparia a esforços de toda a natureza, esperando

¹¹ A chamada tradição hipocrática vem da “teoria dos humores” de Hipócrates, quando este explica as causas das doenças no séc. IV a.C. Segundo tal teoria, a vida seria mantida por quatro humores: o sangue, quente e úmido; a fleuma, fria e úmida; a bilis, quente e seca e a bilis negra, fria e seca. O chamado hipocratismo é o retorno à tradição hipocrática no século XIX, principalmente no Brasil, movimento conhecido como neo-hipocratismo, ou seja, à visão ambientalista da doença, ou à climatologia médica. Para aprofundar essa questão, ver: F. Coelho Edler, “De olho no Brasil: a geografia médica e a viagem de Alphonse Rendu”, *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, n. 8 (suplemento), 2001, pp. 925-43.

da Câmara igual dedicação; 6º, que restituía à Câmara e aos particulares a soma do estipêndio recebido para alojamento dos supostos loucos, descontada a parte efetivamente gasta com a alimentação, roupa, etc.; o que a Câmara mandaria verificar nos livros e arcas da Casa Verde. (OC, II: 280-1).

Como temos observado ao longo deste ensaio, Machado procede por disjunções, algumas vezes adaptando, outras, misturando e fundindo os personagens. Em *O alienista*, o Dr. Simão Bacamarte é, ao mesmo tempo, Hipócrates e Demócrito, sendo que o riso do filósofo pré-socrático é construído pelo narrador, qual corifeu nas tragédias gregas. Mas os ingredientes estão todos lá, relembramos, segundo a máxima machadiana já citada: “pode-se ir buscar a especiaria alheia, mas há de ser para temperá-la com o molho de sua fábrica”. (OC, II: 731).

A importância da operação está na qualidade do tema e da alegoria clássica, cuja chave de leitura depreende-se do conflito entre opinião e verdade. É fácil identificar, aqui, um dos assuntos por excelência de Machado, como estudado em I, 1.3. De um lado, estão os abderitas, proverbialmente dementes, que retêm louco Demócrito; de outra parte, o sábio que, como entendem os seus concidadãos, pretende ser o primeiro e o melhor entre os que buscam a verdade. Na carta 15 do *corpus* pseudo-hipocrático aparecerão em sonho a Hipócrates duas deusas denominadas, exatamente, Verdade e Opinião.¹² Vejamos mais um trecho de *O alienista*, em que o padre Lopes (Opinião) duela com Bacamarte (Verdade, embora ironizada):

– Supondo o espírito humano uma vasta concha, o meu fim, Sr. Soares, é ver se posso extrair a pérola, que é a razão; por outros termos, demarquem os limites da razão e da

¹² Cf. Pseudo-Hipócrates, *Do riso e da loucura*, cit., p. 49.

loucura. A razão é o perfeito equilíbrio de todas as faculdades; fora daí insânia, insânia e só insânia.

O vigário Lopes, a quem ele confiou a nova teoria, declarou lisamente que não chegava a entendê-la, que era uma obra absurda, e, se não era absurda, era de tal modo colossal que não merecia princípio de execução.

– Com a definição atual, que é a de todos os tempos – acrescentou – a loucura e a razão estão perfeitamente delimitadas. Sabe-se onde uma acaba e onde a outra começa. Para que transpor a cerca? Sobre o lábio fino e discreto do alienista roçou a vaga sombra de uma intenção de riso, em que o desdém vinha casado à comiseracão; mas nenhuma palavra saiu de suas egrégias entranhas.

A ciência contentou-se em estender a mão à teologia – com tal segurança, que a teologia não soube enfim se devia crer em si ou na outra. Itaguaí e o universo ficavam à beira de uma revolução. (OC, II: 256).

O *corpus Do riso e da loucura* propõe questões culturais interessantes e atuais, portanto. No confronto do médico com o filósofo enfrentam-se duas hermenêuticas e dois modelos de terapia, também. Hipócrates é o mestre do heléboro, esta panaceia dos antigos que tudo curava. Demócrito encarna o mestre da sátira, agindo sobre os costumes e contentando-se com a própria incisividade. Demócrito é o homem do olhar agudo que revela o que estaria escondido. Nesse sentido, o narrador machadiano, no nível da enunciação, exerce o riso de Demócrito, fazendo de Bacamarte uma caricatura da medicina e das teorias científicas do período.

Segundo ainda um dos comentadores desse *corpus*, Yves Hersant, seria extenso o elenco sobre a permanência desse apólogo ao longo de vinte séculos:

Da Claudiano a Lavater, da Huarte e Montaigne a Moreau de Tours, da Sebastian Franck a Rubens, sarebbe lungo compilare l'elenco dei lontani eredi di queste epistole. Ma si è dimenticata, strada facendo, la loro originaria complessità. Certo non si è

mai omesso di fare di Democrito un “grande ridanciano”, come ha sempre voluto una tradizione ben attestata presso i latini (Orazio, Seneca e Giovenale, per non citarne altri, hanno essi stessi come referente Cicerone: “La natura propria del riso, ciò che lo provoca, la sua sede, le sue manifestazioni, come scoppi, tanto bruscamente che nonostante il nostro desiderio non riusciamo a trattenerlo, e come interessi contemporaneamente i fianchi, la bocca, le vene, gli occhi, il viso, sta a Democrito spiegarlo” (“De Oratore”, secondo, 58); ma opponendo l’ilarità del nostro filosofo alle troppo famose lacrime di Eraclito, secondo una tradizione anch’essa antica, si è spesso adattato il piccolo romanzo alle necessità di una retorica alquanto facile. E dimenticato che in queste epistole confluiscono varie tradizioni: quella democritea, che implica una riflessione sul vuoto e l’infinito; quella ippocratica propriamente detta, di cui si conosce tutta l’importanza per chi mediti sulla bile nera; infine quella aristotelica, la tradizione del “Problema xxx”, che in modo tanto sorprendente apparenta il pazzo al genio.¹³

¹³ Cf Y. Hersant, prefacio a *Ippocrate. Sul riso e la follia*, Palermo: Sellerio editore, 1989, p. 5. “De Claudiano a Lavater, de Huarte e Montaigne a Moreau de Tours, de Sebastian Franck a Rubens, seria demorado fazer o elenco dos herdeiros longínquos destas cartas. Todavia, esqueceu-se, ao longo dos tempos, a sua complexidade original. Certamente jamais se deixou de considerar Demócrito como um “grande hilário”, como sempre o desejou uma tradição bem estabelecida junto aos latinos (Horácio, Sêneca e Juvenal, para não citar outros, têm eles mesmos como referente Cícero: “A natureza própria do riso, o que o provoca, o seu centro, as suas manifestações, como exploda, tão bruscamente que mesmo contra a nossa vontade não conseguimos retê-lo, - e como atinja ao mesmo tempo os quadris, a boca, as veias, os olhos, o rosto, - está a Demócrito explicá-lo”, ‘De Oratore’, II, 58); mas opondo a hilaridade do nosso filósofo às muitas famosas lágrimas de Heráclito, segundo uma tradição também antiga, adaptou-se o pequeno romance às razões de uma fácil retórica. E esqueceu-se que nestas epístolas confluem várias tradições: a democritea, que implica uma reflexão sobre o vazio e o infinito; a hipocrática propriamente dita, de que se conhece toda a importância para quem medite sobre a bile negra; enfim, a aristotélica, a tradição do “Problema XXX”, que de forma surpreendente relaciona o doido ao gênio.” (trad. da autora).

Nesse condensado resumo, vislumbramos, mais uma vez, os temas machadianos, pormenorizadamente: a) os sintomas da loucura, as suas inerentes ambiguidades (o sábio e o melancólico têm o mesmo comportamento: ambos buscam a solidão e desconfiam da vida social); ambos renegam a humanidade e se refugiam no silêncio; ambos trazem no corpo a marca da ira (a bile negra); b) a negação do direito de tratar da loucura pela medicina; c) a possibilidade de que seja a coletividade a sede do mal, da “doença”; d) a melancolia como sinal de sabedoria e de gênio; e) a crueldade do misantropo, um egoísta que ri de tudo e tudo nega, como tese primeira dos abderitas e, podemos acrescentar por extensão, dos detratadores machadianos que ele transformou em personagens.

Tanto do ponto de vista da realização estética quanto no de uma compreensível identificação com o tema, Machado recolhe esta herança cultural clássica, sendo ele o Demócrito brasileiro: crítico impiedoso, melancólico na sua cética sabedoria, indiscutivelmente marcado pela epilepsia – naquele período considerada um mal do espírito, além de mal físico –, destinado a experimentar sobre si mesmo a dor da vida que, no entanto, exorcisa com a plenitude da sua arte. No apólogo de *O alienista*, Machado nos diz que o comportamento humano não pode ser explicado. Haverá áreas de sombra, mesmo quando se trata da mente mais privilegiada.

Embora não cite o *corpus* pseudo-hipocrático que, segundo nos resulta, aliás, não foi estudado por nenhum crítico machadiano até agora, Augusto Meyer avalia, com fina perspicácia:

[...] nunca o riso de Machado de Assis foi mais feroz, mais consciente, mais voluptuoso. Ao contrário, das outras vezes, escondeu-se, mas escondeu-se porque o alienista seria o seu autêntico porta-voz, a encarnação do seu pirronismo niilista e inconscientemente, por outro lado, uma autocaricatura.¹⁴

¹⁴ Cf. A. Meyer, *Machado de Assis (1935-1958)*, cit., p. 58.

Augusto Meyer tem em mente Pirandello, que cita a seguir, a propósito da peça “Enrico IV”: “*Sono guarito, signori: perché so perfettamente di fare il pazzo, qua; e lo faccio, quieto! – Il guaajo è per voi che la vivete agitatamente, senza saperla e senza vederla la vostra pazzia*”.¹⁵

Uma última palavra cabe ao tema da melancolia. Ele está ligado à questão física e à questão espiritual, havendo, desde a Antiguidade clássica, uma relação entre a sabedoria, o gênio, e a epilepsia. Nesse âmbito, não nos cabe entrar, até porque Machado deixou-nos apenas pistas muito discretas desse seu saber. Podemos afirmar que o tema foi estudado por Machado, não só a partir das fontes clássicas, como também das fontes modernas, como comprovam os livros de sua biblioteca, as citações e a própria temática da razão e da loucura, presente na sua obra. É curioso o título da novela, que lembra o de alguns tratados da época:

Machado de Assis <i>O alienista – Papéis avulsos</i> (1882)	J.-E.-D. Esquirol <i>Des maladies mentales considérées sous les rapports médical, hygiénique et médico-légal</i> ¹⁶ (1838)	J.-P. Falret <i>Des maladies mentales et des asiles d’aliénés</i> ¹⁷ (1864)
I. De como Itaguaí ganhou uma casa de Orates	XI. De la monomanie	I. De l’alienation mentale

Embora o termo alienista se encontre em tratados renascentistas na forma latina, *mentis alienatio*, o nome está ligado aos médicos franceses Joseph Daquin e Jean-Pierre Falret (aluno de Philippe Pinel e J.-E.-D. Esquirol), sendo fruto dos estudos que

¹⁵ Ibidem, p. 59.

¹⁶ Cf. Jean-Étienne-Dominique Esquirol, *Des maladies mentales considérées sous les rapports médical, hygiénique et médico-légal*, II vol., Paris: Baillière, 1838, p. 1.

¹⁷ Cf. Jean-Pierre Falret, *Des maladies mentales et des asiles d’aliénés*, Paris: Libraires de l’Académie Impériale de Médecine, 1864, p. 1.

se seguiram à onda iluminista e pós-Revolução Francesa (Pinel liberta os alienados, presos por ferros ou amarrados, do hospital de Bicêtre, em 1793). Falret acreditava na duplicidade de corpo e alma e entendia que a doença mental acabava por tornar alienado o espírito. Esse médico foi responsável pela classificação das diversas especificidades da doença mental, tendo igualmente criado uma casa de cura que tratava dos doentes do ponto de vista clínico e psíquico, buscando curar o doente e integrá-lo na sociedade após o seu restabelecimento. Portanto, a ideia de uma “casa de cura” como a Casa Verde fazia parte de um processo que vinha desde 1838, na França, e que culminou, no Brasil, com a criação, em 1852, (onze anos depois de ter sido decretada) do Hospício Pedro II, na Praia Vermelha, no Rio de Janeiro.

Na versão publicada em *A Estação*, o final de Simão Bacamarte é cruel, aproximando-se do destino de Demócrito no apólogo.

<p style="text-align: center;">Machado de Assis <i>O alienista – Papéis Avulsos</i> (1882)</p>	<p style="text-align: center;">Machado de Assis <i>O alienista – A Estação</i> (15.10.1881/15.03.1882)</p>
<p>Dizem os cronistas que ele morreu dali a dezessete meses no mesmo estado em que entrou, sem ter podido alcançar nada. Alguns chegam ao ponto de conjecturar que nunca houve outro louco além dele em Itaguaí; mas esta opinião, fundada em um boato que correu desde que o alienista expirou, não tem outra prova senão o boato; e boato duvidoso, pois é atribuído ao padre Lopes, que com tanto fogo realçara as qualidades do grande homem. Seja como for, efetuou-se o enterro com muita pompa e rara solenidade. (OC, II: 288)</p>	<p>Dizem os chronistas que ele morreu dalli a dezeseite mezes, no mesmo estado em que entrou, sem ter podido alcançar nada. <i>Não foi por falta de livros; folheava-os dia e noite, uns in-4º, outros in-folio, em muitas linguas. Morreu, emfim, de uma erysipela no ventre.</i> Alguns <i>chronistas</i> chegam ao ponto de conjecturar que nunca houve outro louco além dele em Itaguahy, mas esta opinião, fundada em um boato que correu desde que o alienista expirou, não tem outra prova, senão o boato; e boato duvidoso, pois é attribuido ao padre Lopes, que com tanto fogo realçara</p>

as qualidades do grande homem. Seja como for, effetuou-se o enterro com muita pompa e rara solenidade. “O cadáver foi sepultado na capela da Casa Verde, infelizmente sem epitaphio”. Em 1817, desapareceram os ossos, e segundo as mais provaveis induções, foram roubados e transportados para Santiago do Chile, cuja academia suppõe que são os restos de um cozinheiro do illustre Pizarro. Alas! Poor Iorick! – Sic transit gloria mundi.¹⁸

Encerremos esta análise com uma ponderação de Schiller, cara a Machado: refletir é paragonar, confrontar, cotejar; refletir é cotejar “duas representações e dois sentimentos discordantes”.¹⁹ O riso de Demócrito, a voz satírica, a melancolia, a reflexão são elementos que se relacionam na obra machadiana numa conexão nada arbitrária. Para Schiller, a sátira nasce da ruptura da relação direta e ingênua que ligava a elegia à natureza, desde a Antiguidade. Quando se rompe esta harmonia originária, surge uma outra palavra, agora em situação de exílio. Será esta perda a animar o sentimento reflexivo. Para Schiller, o poeta interrogará a marca: aquela impressão provocada nele pelos objetos que o circundam. Nada mais sério que o riso de Demócrito, já ensinava o padre Antônio Vieira. *O alienista* de Machado é a demonstração da tese clássica, adaptada a Itaguaí.

¹⁸ M. de Assis, *A Estação*, Rio de Janeiro, ano 4, n. XI, p. 20.

¹⁹ Cf. Schiller, *Sulla poesia ingenua e sentimentale* [1838], Milão, SE, 2005, pp. 42-5. (Tradução nossa.)